

MEMÓRIAS E IDENTIDADES ENTRE TORCEDORES ORGANIZADOS DO RIOGRANDENSE FUTEBOL CLUBE (SANTA MARIA-RS)

Mateus Cordenonsi Bonez (UFSM)

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

Palavras- Chave: Identidades. Memórias. Torcedores Organizados.

INTRODUÇÃO

O presente *paper* tem o propósito de apresentar parte de uma pesquisa de doutorado em Ciências Sociais, a qual tem como norte o intento de compreender a construção e a negociação de identidades de torcedores/as do Riograndense Futebol Clube¹, instituição fundada em 1912 na cidade de Santa Maria-RS². Esse clube tem origem ferroviária e participou por diversas vezes de campeonatos oficiais, tendo se sagrado campeão do interior, bem como vice campeão gaúcho em 1921. No entanto, desde 2017 não atua como time profissional de futebol masculino, mantendo somente atividades nas categorias de base.

A pesquisa de doutorado, seguindo uma postura etnográfica, está direcionada às narrativas de cunho biográfico e às memórias de torcedores (as) de diferentes gêneros, idades, gerações, grupos étnicos e classes sociais. Todavia, para a presente discussão, apenas torcedores organizados se apresentam enquanto interlocutores da etnografia.

Sendo assim, partindo de um esforço metodológico que coloca em relevo o “encontro etnográfico” (CRAPANZANO, 1980) e as narrativas sobre si características

¹ Clube também conhecido como “Dense”, “Gandense”, “Time dos Ferroviários”, “Rubro Esmeraldino”, “Esmeraldino” e “Periquito”, este último referente ao mascote da instituição futebolística. O Riograndense manda seus jogos no Estádio dos Eucaliptos, edificação construída em terreno das antigas instalações ferroviárias, e que é também sede administrativa do clube. Fica no bairro Perpétuo Socorro, na Zona Norte da cidade, conhecido reduto ferroviário da cidade gaúcha.

² Santa Maria, também chamada de “Coração do Rio Grande”, é uma cidade média do Rio Grande do Sul e possui uma população estimada, para 2021, de 289.159 mil habitantes (IBGE, 2021). Este município localiza-se na região central do estado, em meio a morros com vegetação da Mata Atlântica e o bioma pampa. É a quinta mais populosa do estado e conta com o segundo maior contingente militar do Brasil, bem como é uma cidade universitária, contando com muitas instituições de ensino, sendo a UFSM a mais importante delas. Antes disso, Santa Maria foi grande polo ferroviário e boa parte da urbanização do município foi propulsionada pelo trabalho ferroviário, pelas vilas ferroviárias e pelo progresso característico deste tipo de estrutura laboral e de desenvolvimento.

da etnobiografia (GONÇALVES, 2012), este trabalho apresenta uma reflexão acerca da produção de identidades de um grupo de torcedores/as organizados do Riograndense, membros da T.O.R (Torcida Organizada do Riograndense), fundada em 2012, ano do centenário do clube. O recorte de grupo, aqui, ocorre porque esses interlocutores formaram o universo espaço temporal da inserção em campo, ao mesmo tempo em que abriram portas para outras interações de pesquisa.

Nesta perspectiva, a entrevista etnográfica (GUBER, 2001) se apresentou como possibilidade de entrevista não diretiva de situação face a face, em que se encontraram distintas reflexividades. A narração sobre si, neste contexto, diz respeito à experiência relacional e reflexiva que se deu no encontro, fazendo com que as próprias identidades individuais e coletivas fossem flexibilizadas.

Enquanto dados preliminares, pode-se dizer que as identidades dos torcedores da T. O. R, nas narrações orais e nas práticas de lazer oriundas do ato de torcer, reforçam constantemente os laços familiares e a comunidade (bairro) enquanto alicerces do clube e da torcida. As memórias de vinculação territorial e familiar sobrepuseram, desse modo, as memórias dos jogos, dos ídolos e dos títulos. Desta feita, essa torcida organizada evocou identificações que se mantêm demasiadamente por meio de memórias, assim como outros/as interlocutores/as da pesquisa, mais velhos/as. Identidades ferroviárias, operárias e periféricas se aglutinam e roteirizam as práticas de lazer da torcida, que ocorrem no estádio e fora dele, em encontros casuais ou em jogos das categorias de base.

A TORCIDA ORGANIZADA DO RIOGRANDENSE E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES NAS MEMÓRIAS

Todos os interlocutores dizem respeito a fiéis torcedores/as há muitos anos, pra não dizer “desde sempre”. Torcer, nessa direção, é participar ativamente da vida social, pertencer e ser leal à escolha que, normalmente, faz-se muito cedo (DAMO, 1998). Ainda, o ser torcedor, a identidade torcedora, respondem à dinâmicas “menos tangíveis” no campo das identidades sociais. Nesse sentido, as escolhas não respondem somente aos impulsos individuais cotidianos, mas às experiências no meio urbano e a coexistência de papéis sociais diversos no contorno de biografias (TOLEDO, 2010).

O futebol, sobretudo em países como o Brasil, apresenta profundas relações entre o ato de torcer e pertencer a um clube. Neste contexto, com especificidades variadas que

ligam o clube de futebol às suas origens e fundações, indivíduos reivindicam, celebram e seguem seus clubes em relações que formam processos identitários. Os torcedores/as são de determinados clubes e dificilmente mudam esta ligação de pertencimento. Nessa relação, o verbo ser é muito importante e raramente abalado no Brasil, indicando opções clubísticas com forte lastro emocional contido, capazes de gerar pertencimentos e memórias coletivas com discursos que circulam pelo passado (JAHNEKA, 2010).

A aproximação ao campo de pesquisa ocorreu primordialmente por meio da T. O. R. Desde a feitura do meu projeto de tese, entrei em contato com pessoas que poderiam apresentar indivíduos identificados com o clube, e neste esforço inicial, acabei utilizando as redes sociais digitais *Instagram* e *FaceBook* para uma possível interação com os/as torcedores/as. A T.O.R foi fundada em 2012, ano do centenário do clube santa-mariense, e acompanhou times em ação nos campeonatos gaúchos da série C e B no começo da década de 2010. O grupo, que conta aproximadamente com 40 pessoas, frequentou jogos importantes dos últimos anos de futebol profissional e presenciou a derrocada administrativa e esportiva do clube esmeraldino.

Nesse contexto, como podemos perceber no fragmento narrativo e dialógico a seguir, esse grupo faz emergir memórias que circundam identidades torcedoras que chamam para si a manutenção da história do clube e a defesa do território.

Fernando: Basicamente, assim, eu sou desde sempre. Eu tenho 45 anos de Bairro. Eu nasci, no dia seis de fevereiro, na Casa de Saúde e minha família mora à 200, 300 metros daqui. Meu vô construiu esse pavilhão, que antigamente era de madeira. Então eu vinha aqui com meu vô, vinha aqui com ele. Infelizmente ele morreu ano passado com 96 anos, de covid. Então ele sempre me dizia, aqui tu vai tá sempre em casa. Então eu sei quem é e quem não é. Eu estive em todos os momentos aqui, quando tava aberto e quando tava fechado. Eu e o Renato aí, fomos criados aqui. Ele de família ferroviária, mas meu vô era carpinteiro. Só assim, o que aconteceu com a torcida, a gente era um grupo que se reunia pra tomar cerveja no posto, na rua 7 com a marechal. Era nosso ponto de encontro. E a gente tinha uma carência. Tinha lá a Baixada (estádio do Inter-SM). O clube precisava de uma torcida que gritasse, que “berrasse”.

Renato: E defendesse o clube!

Fernando: E principalmente, o Renato falou certo, e defendesse o clube. Ninguém defendia o clube. Depois que voltou, que o clube ficou um tempo sem ninguém investir.

Caio: O futebol profissional né? Ficou uns dez anos mais ou menos sem ninguém investir.

Fernando: Aí quando voltou (...).

Renato: E não tinha uma torcida... Até tinha, que eu não vou citar o nome. Mas uma que fosse aqui de dentro. A maioria não era aqui do bairro.

Eu: Hum, a outra torcida?

Renato: Sim. Era mais uma moda do que uma identidade com o clube.

Fernando: E assim, eu sou da torcida Jovem do grêmio, sou até hoje. Eu fui um dos fundadores aqui, o Renato também. Aí, pra falar a verdade, veio um cara de Porto Alegre, que era da Jovem, e nos deu um norte. Disse como fazer, nos ensinou como fazer.

Renato: Ele chega e nos mostra como fazer de verdade.

Fernando: E a gente queria o que? Queria beber, se divertir.

Renato: Era aquela junção... A gente queria o que? Hum, um Domingo.

Fernando: E assim, em menos de um ano a coisa ficou séria.

Renato: A gente começou a se uniformizar, começou o vir gente, pessoas da antiga.

E assim, no começo teve gente que fez cara feia, mas depois a gente começou a cativar, porque a gente animava o estádio.

Fernando: Basicamente foi isso, Mateus. E assim, o riograndense tá engatinhando, então, tem que ter uma base. Então, basicamente fui eu que juntei essa galera. E assim, nós estamos organizados e eles vão ter que se organizar também. E assim, a gente não tinha nada.

Renato: Era só posto e Riograndense, a gente não tinha nada. Eu cansei de vir aqui.

Caio: Cansei de “matar aula” da faculdade pra vir aqui em jogo.

Renato: Bah, eu cansei de pegar atestado... Na época de ferroviário ainda. Teve um dia que, e caía água, meu Deus, eu fui no médico e peguei atestado pra poder vir no jogo. Aí no outro dia eu apareço no jornal (risos).

(Trecho extraído do diário de campo de Mateus C. Bonez).

Aqui, vale destacar que, a despeito de atos violentos de determinadas torcidas, defender o clube não necessariamente implica nisso. Em pesquisa referente aos torcedores *barras- bravas* argentinos e seus significados dados às ações violentas, Albarces, Zucal & Moreira (2008), salientam a importância da pesquisa qualitativa para este tema. As conclusões desses pesquisadores argentinos, referentes aos significados dados pelos torcedores às ações violentas, são calcadas na categoria “*aguante*”, que diz respeito a um sistema de honra e prestígio relacionado aos atos violentos em confrontos com inimigos, sejam eles *barras- bravas* rivais ou a polícia. “*Aguante*” no contexto dos torcedores argentinos é concernente a uma certa resistência que os *barras- bravas* têm para apoiar a equipe, para aguentar viagens longas, para apoiar o time em qual quer situação, etc.

Todos os torcedores da T.O.R são também torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Alguns são oriundos de torcidas organizadas do clube da capital gaúcha, notadamente da Torcida Jovem do Grêmio e da Geral do Grêmio, organizações torcedoras distintas, as quais dinamizam-se conforme formas de torcer diferentes³. A T. O. R é uma

³As barras (Geral do Grêmio), organizações provenientes da América Latina, se movimentam musicalmente pela *cumbia villera*, enquanto as TOs (Jovem) pelo samba, por exemplo (SANTOS e OLIVEIRA, 2021). Além disso, existem diferenças entre estes tipos de organizações no que concerne às relações com os clubes e dirigentes, bem como nas relações de violência, embora todos os grupos compartilhem do uso da violência e do confronto entre torcidas (LOPES e CORDEIRO, 2010). Estes dois tipos, por outro lado, diferenciam-se dos *Ultras* europeus, outra forma organizada de torcida de futebol.

Torcida Organizada (TO), não uma Barra, porém, como conta com membros da Barra do Grêmio, acaba por demonstrar comportamentos que mesclam algumas formas de torcer.

Pelo fato de o time esmeraldino estar “fechado”, ou seja, sem equipe profissional desde 2017, as narrativas com características de resistência emergem diretamente da memória, de uma memória ancorada em pretensões de manutenção e preservação de identidades do bairro e da Zona Norte de Santa Maria.

Como podemos ver no diálogo acima, torcedores do Riograndense se identificam com o clube de futebol por meio do Bairro, do trabalho ferroviário, da Zona Norte da cidade e de tramas familiares. Tanto os/as torcedores mais novos quanto os mais antigos do grupo organizado, orientaram suas narrativas por essas dimensões da vida social que ressaltam a localidade em detrimento de outras dimensões do esporte, como os jogos por exemplo.

Figuras 1 e 2 – Torcida Organizada do Riograndense em dia de jogo no estádio dos Eucaliptos.



Fonte: Acervo pessoal de Mateus C. Bonez.

O papel da torcida, como claramente se percebe nas narrações e em comportamentos no estádio dos Eucaliptos, assim como ocorre com diversas outras organizadas mundialmente, é o de incentivar times em campo tendo como base motivacional de suas práticas e narrativas não somente a presencialidade e o presente. O passado é importante para qualquer clube, com seus títulos e proezas esportivas sempre exaltados pela torcida e por trabalhadores das equipes. A existência de museus em estádios e sedes esportivas é um exemplo claro deste tipo de comportamento. No entanto, para além de lembranças de campo e de jogos, de craques ou de ídolos, algumas equipes sustentam-se por outras expressões de pertencimento. Este é o caso da presença da ferrovia, da locomotiva, da estação, dos trilhos, dos vagões e das linhas férreas no imaginário do atual Riograndense.

A ferrovia chegou em Santa Maria em 1877, tendo suas obras concluídas em 1885 (CARDOSO, 2013) e, nesse espaço social, tanto territorial quanto imaginário, historicamente apresentou fundações balizadas pela ferrovia. Por exemplo, clubes como o Riograndense, fundado em 7 de maio de 1912. Mais clubes sociais surgiram em consonância com a ferrovia, assim como outros clubes foram representados por outras referências laborais na cidade. O Riograndense Futebol Clube foi fundado por ferroviários que, inicialmente, queriam realizar e organizar práticas de lazer entre eles (CARDOSO, 2013), porém, assim como em inúmeros outros casos no futebol, acabou por se institucionalizar enquanto clube de futebol profissional.

Segundo Flôres (2005, 2012), o trabalho ferroviário foi crucial, tendo se mostrado como principal fonte para o progresso da cidade no início do século XX. Poderíamos dizer, assim, que os trens e as ferrovias trouxeram o progresso pelos trilhos, abrindo espaço para posteriores e contundentes campos laborais. O período fundamental da expansão das ferrovias ocorreu nas décadas finais da monarquia brasileira, no início da República. Dentro disso, esta expansão ajudou na superação de uma economia agrária e na implementação de uma nova mentalidade urbana. O surgimento do Riograndense condiz com dinâmicas do trabalho ferroviário e seus entornos em Santa Maria, os quais concernem com estruturas urbanas dos depósitos e das oficinas, por exemplo (FLÔRES, TITTELMAYER, CIGNACHI 2012).

Em relação aos torcedores do “periquito”, soma-se o fato de a equipe não existir mais profissionalmente. É comum santa-marienses se referirem ao clube como se não existisse mais. A inexistente atividade profissional, que foi durante anos motivo de empolgação para torcedores e simpatizantes, é uma sombra que circunda os Eucaliptos e

a cidade. Além disso, o Internacional de Santa Maria, este sim, “existe”. O “Interzinho” está atualmente jogando na divisão de acesso (série b) do “gauchão”. Isso é motivo de tristeza pra torcida esmeraldina, obviamente, já que a rivalidade é germe da própria existência de inúmeros clubes pelo mundo. Em Santa Maria não é diferente, tendo o clássico RioNal como confronto histórico. Assim sendo, o passado rememorado e a construção de narrativas sobre si de muitos torcedores do Riograndense concebem sentimentos de origem local, laboral, familiar e de comunidade (bairro), além de expressões narrativas que exprimem a angústia da inatividade do time principal.

Por meio das narrativas biográficas, engendrou-se uma compreensão sobre a produção da localidade, sobre o *pedaço ferroviário*, bem como sobre a memória enquanto produtora de identidades. A produção da localidade, segundo Appadurai (1996) diz respeito a um espaço territorial de *co-presença*, na qual existem laços estáveis e histórias e lugares compartilhados. A noção de *pedaço* (MAGNANI, 1993) concerne com um espaço, entre a casa e a rua, de sociabilidade que demonstra relações de vizinhança e confiança. A memória forte e organizadora (CANDAUI, 2011) é um tipo de memória, característico de comunidades pequenas, que se mostra contundentemente enquanto uma memória coletiva, pois ocorre em grupos com densidade de conhecimento recíproco entre os membros, os quais podem constatar e imaginar fatos coletivamente de uma forma mais coesa. Desse modo, aglutinando essas categorias, se elucidam algumas questões sobre as identidades dos torcedores esmeraldinos em questão.

Assim como a menção ao bairro e a zona norte, os interlocutores destacam o *futebol raiz*⁴ que está nas entranhas do clube, desde a estrutura do estádio até o futebol que sempre foi percebido como sendo de muita “raça” e bravura. Esta bravura, somada à organização dos ferroviários, são também pilares da identidade do Riograndense, como sugere o interlocutor Fernando.

Eu: Você identifica um estilo de jogo ou de torcer característico dos torcedores do Riograndense?

Fernando: Olha, Mateus, eu acho que o *Dense* sempre jogou com raça, mas com técnica também. Os times sempre foram organizados, acho que por causa do passado ferroviário que tinha sempre boa organização. Sempre foi um futebol pegado aqui, futebol do interior, né?

Eu: E de torcer?

Fernando: Hum... Assim, aqui a gente se conhece bastante, eu conheço todo mundo aqui no bairro. A gente também é da Jovem, da Geral, mas aqui todo mundo se dá bem e se conhece de vários rolê na Zona Norte. Antigamente era foda. Mas a gente sempre tá por aí, tomando uma gelada no posto ali, sabe?

⁴ Categoria êmica de torcedores/as do Riograndense. Não vinculada somente aos torcedores organizados e constantemente mencionada em entrevistas e diálogos.

Ali que a gente se encontrava sempre nos jogos do *Gauchão*. Mais isso, eu acho. A gurizada cresceu aqui, a gente é do *Gandense* desde guri, piá mesmo. Eu me criei aqui, entrava a hora que eu quisesse aqui no estádio.
(Trecho do diário de campo de Mateus C. Bonez)

Seguindo a narrativa supracitada, podemos associar o sucateamento da ferrovia com o declínio do clube enquanto organização futebolística para o futebol profissional. Para além da questão econômica, obviamente muito importante, o fim da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRSG), como sinalizam as narrativas acima, bem como outras tantas, levou consigo a organização e a postura ferroviária, sempre orientada para a boa prática esportiva e política do clube.

Com isso, se constata que há toda uma historicidade e construções subjetivas acerca do “pertencer” ao clube e à torcida que ainda serão mais profundamente pesquisadas. Os processos históricos da atuação profissional do Riograndense, por exemplo, serão relacionados às dinâmicas narrativas biográficas, procurando salientar as nostalgias e narrativas de perda recorrentes entre os torcedores do bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, as narrativas biográficas ancoram-se na vida cotidiana do bairro e na territorialidade ferroviária no processo de rememoração. Há assim, uma construção social de identidades torcedoras que colocam em primeiro plano aspectos não relacionados às dinâmicas do campo de jogo e das glórias de times emblemáticos do Riograndense. Nessa direção, sobretudo da memória coletiva, as construções de identidades são conectadas com o imaginário ferroviário e suas implicações na localidade, nas sociabilidades e no cotidiano. Tanto a instituição, com discursos e manifestações vigentes em todas as diretorias do clube, como a torcida organizada, elaboram narrativas que exaltam o passado ferroviário, no concernente a sua importância para o progresso e urbanização da cidade, como também para o esporte de Santa Maria.

As identidades emergidas apresentaram, também, um prisma do futebol do interior, ou um *futebol raiz*, expressão constantemente utilizada pelos torcedores rubro esmeraldinos. Um universo que edifica relações de identificação para o pertencimento clubístico mediante aspectos que se mantém durante várias décadas, a saber: a materialidade, como velhas edificações do estádio, e aspectos simbólicos, estes reiteradamente focados na comunidade e no cotidiano de lazer e sociabilidade da Zona

Norte, berço ferroviário e território do time rubro esmeraldino. Os interlocutores, enquanto informantes e componentes principais dos encontros etnográficos que constroem os dados da presente etnografia, assim, são provenientes do cotidiano dos bairros e vilas da Zona Norte de Santa Maria, de famílias ferroviárias e de famílias de torcedores do Riograndense. Neste quadro, há uma cidade ferroviária dentre as várias cidades que compõem o município de Santa Maria, ligada a um espaço social ferroviário (MELLO, 2002) proveniente das vilas ferroviárias e operárias de outrora.

Na pesquisa ainda está andamento, contudo, observa-se que há um entrelaçamento entre questões de localização espacial, sociabilidade de bairro, “mundo e família ferroviária” que precisa ser alcançado minuciosamente pelo trabalho etnográfico.

REFERÊNCIAS

ALBARCES, P.; ZUCAL, J. G.; MOREIRA, M. V. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. *In: Horizontes Antropológicos*. 30. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

APPADURAI, Arjun. Sovereignty Without Territoriality Notes For a Postnation Geography. *In: YEAGER, P. (Org). The Geography of Identity*. Ann Arbor: University of Michigan Press, PP. 40- 58, 1996.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Trícia. **O futebol entre os ferroviários de Santa Maria – RS**. 24 f. 2013. Monografia (Especialização em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

CRAPANZANO, Vincent. **Tuhami**: Portrait of a Moroccan. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

DAMO, Arlei. Para o que der e vier - **O Pertencimento Clubístico no Futebol Brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto alegre e seus Torcedores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1998.

FLÔRES, J. R. A. ; CARDOSO, T. A. ; TITTELMAYER, A. R. ; BERNI, A. A. D. ; LUZ, C. O. H. ; CIGNACHI, H. ; PINTO, N. L. ; FRAGA, R. V. . A vitoriosa história do Rio-Grandense Futebol Clube, de Santa Maria -RS. *In: FLORES, J. R. (Org.). Riograndense Futebol Clube*. 1. ed. Santa Maria: NEP/UFSM, v. 1, p. 45-85, 2012.

FLÔRES, J. R. A. **Profissão e Experiências Sociais entre Trabalhadores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul em Santa Maria (1898-1957)**. 586 f. 2005. Tese (Doutorado em História) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2005.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. *In: GONÇALVES, M. A. T.; MARQUES, Roberto (Org.) Etnobiografia: subjetividade e etnografia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2012.

GUBER, Rosana. **La etnografia-método-campo e reflexividad**. Bogotá: Norma, 2001.

JAHNECKA, Luciano. O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol. 73 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2010.

LOPES, F. T. P.; CORDEIRO, M. P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, v. 9, p. 75-83, 2010.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MELLO, L. F. S. **O imaginário do espaço e o espaço do imaginário** – A ferrovia em Santa Maria, RS. 160 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) —Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, JOÃO MANUEL CASQUINHA MALAIA; OLIVEIRA, E. C. Sou gaúcho e sou peleador: barras bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas. In: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Gérson Wasen Fraga; Miguel Enrique Stédile; Rafael Hansen Quinsani. (Org.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma História Social do futebol (e outras coisas...)**. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, v. 1, p. 315-338, 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História (USP)**, v. 163, p. 175-189, 2010.